

Eixo Temático: Inovação e Sustentabilidade

**PERCEPÇÃO DOS ACADÊMICOS DE ADMINISTRAÇÃO E AGRONOMIA,
DE UM UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DO NOROESTE GAÚCHO, COM
RELAÇÃO À ECONOMIA SOLIDÁRIA**

**ACADEMIC PERCEPTION MANAGEMENT AND AGRONOMY, OF A
COMMUNITY UNIVERSITY OF GAUCHO NORTHWEST, REGARDING
ECONOMY SOLIDARIA**

Ana Paula Alf Lima Ferreira, Gabriela Macedo Ferreira, Bibiana Caporal e Diogenes Silveira

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar qual a percepção dos acadêmicos do curso de Administração e Agronomia, com relação a prática de Economia solidária. Sendo que foi elaborado um questionário com auxílio do google doc, e posteriormente foi enviado o mesmo pelo e-mail institucional dos alunos, a fim de coletar as respostas. Dos 230 questionário enviados apenas 108 retornaram e a partir deste, foram tratadas as respostas, por meio do programa estatístico SPSS 2.0, do qual foi extraído frequência e média das respostas. Logo ficou evidente que a percepção dos acadêmicos esta relacionado aos seus hábitos, sendo que estes são orientados para a Economia Solidaria, mais por uma questão cultura e para alguns pela busca de qualidade, desta forma ambos cursos percebem tal pratica, como a extensão do trabalho rural (agricultura familiar) e por compreender um trabalho de pequena escala trás consigo dois atributos fortes: Qualidade e preço.

Palavras-chave: Economia Solidaria, Administração, Agronomia.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the perception of academic course Management and Agronomy, regarding the practice of solidarity economics. Being a questionnaire with the help of google doc was prepared, and was later sent by the same institutionally email the students in order to collect the answers. Of the 230 questionnaires sent only 108 returned, and from this, the answers were treated through the estatístico SPSS 2.0 program, which was extracted frequency and average respostas. Logo was evident that the perception of academics is related to their habits, and they are oriented to the Solidarity Economy, more for the sake culture and for some the pursuit of quality, thus both courses perceive such practices as the extent of rural labor (family farming) and it comprises a small-scale work brings with two strong attributes: quality and price.

Keywords: Solidarity Economy, Management, Agronomy.

INTRODUÇÃO

Tem-se que a Economia Solidária, enquanto campo de estudos, como uma área relativamente recente junto aos estudos acadêmicos, embora a mesma tenha acompanhado a crescente proliferação de Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), manifestada desde a década de 1980, a referida área vem se intensificand, apenas nos primórdios do século XXI, principalmente no que tange ao âmbito nacional, o qual é por vezes apontada como uma reação à crise estrutural deste período, tanto no meio urbano quanto rural, sendo visto especialmente como uma alternativa ao desemprego, uma fonte complementar de renda ou para obter maiores ganhos com a atividade associativa (SENAES, 2006).

Para Gonçalves e Sobrinho (2011), o contexto social e histórico que criou condições para o surgimento da Economia Solidária é consequência do capitalismo industrial, o qual foi gerador do empobrecimento dos artesões provocado pela difusão das máquinas e da organização fabril da produção. Para conter a escassez de trabalho causada pelas diversas transformações ocorridas com a crescente industrialização, trabalhadores se organizaram em pequenos grupos, com o intuito de descobrir formas de geração de emprego e renda por meio de laços solidários.

Nota-se que os movimentos que impulsionam a economia solidária são caracterizados, por uma série de iniciativas de geração de renda através das práticas de trabalho coletivo de diversas naturezas e formas de organização jurídica inspiradas em valores de cooperação, democracia e reciprocidade tendo sempre como foco norteador princípios de solidariedade e autogestão. Tem-se assim, a economia solidária como uma estratégia de enfrentamento do capitalismo com possibilidades reais de transformação sistêmica, sendo ainda uma transformação que ocorrerá dentro do próprio capitalismo (SINGER, 2004).

Segundo Prado (2008), muitos consumidores ainda enxergam na economia solidária apenas um meio encontrado por produtores de baixa renda ou desempregados para sobreviver. Com essa visão, a tendência é acreditar que adquirir produtos provenientes de cooperativas, associações, empresas autogestionárias e feiras de troca não passa de um pouco de caridade.

Logo, buscou-se com a realização da presente pesquisa, investigar a percepção dos acadêmicos dos Cursos de Administração e agronomia sobre a Economia solidária, sendo que escolheu tais profissionais, por entender-se que esses podem de forma ativa agir junto a tal prática, uma vez que são agentes transformadores, que irão trabalhar em áreas a fim da Economia Solidária.

REVISÃO DE LITERATURA

A Economia Solidária, para Gaiger (2009), tem sua origem na Europa no século XIX neste periodo, observa-se muitas turbulências sociais, oriundas da Revolução Industrial, embora foi neste cenário contratatório, que nasce também o associativismo, como uma resposta dos operários e camponeses que se caracterizava desde seus primórdios por formas de gestão autônomas e democráticas.

Conceitualmente, temos a Economia Solidária, como uma prática a qual toma por base o anseio pela Economia Social, ou seja, a economia que interligue o econômico, o social e o

político, pois esta acredita que é a partir da articulação dessas três dimensões que se situam os fundamentos essenciais das Economias Social e Solidária (RAZETO, 1999).

Junto a América Latina, o surgimento do conceito da Economia Solidária está ligado aos aspectos e elementos constituintes da Economia Popular, a qual foi e é criada, pelos próprios trabalhadores que não possuíam os meios de produção diante das transformações que estão ocorrendo no processo de trabalho (LEBOUTTE, 2003).

Para Cattini (2003), as circunstâncias enfrentadas pelos trabalhadores fizeram com que surgissem empreendimentos que constituem a Economia Popular, tais como mercados populares, grupos de produção comunitária, associações, cooperativas, entre outros. Esses empreendimentos eram caracterizados por serem iniciativas informais e individuais, e organizados por grupos pequenos e/ou familiares.

Logo, na América Latina, o conceito de Economia Solidária, refere-se essencialmente ao conjunto de ações que, a partir da associação livre e democrática dos trabalhadores, visa ganho econômico e benefícios como qualidade de vida, reconhecimento e participação cidadã (GAIGER, 2009).

Para Singer (2002), a Economia Solidária é um sistema socioeconômico aberto, amparado nos valores da cooperação e da solidariedade no intuito de atender às necessidades e desejos materiais e de convivência, mediante mecanismos de democracia participativa e de autogestão, visando a emancipação e o bem-estar individual, comunitário, social e ambiental das pessoas ligadas a elas.

Tem-se que no Brasil, a Economia Solidária, foi impulsionada por um acelerado processo de desemprego que atingiu o país nos anos de 1980 e 1990, o que impulsionou vários movimentos sociais, os quais apoiassem alternativas de geração de trabalho e renda para as classes populares mais afetadas. Aliado a esses movimentos, o terceiro setor, as Universidades passaram a ter participação mais ativa junto a esse cenário, criando incubadoras e centros de apoio a esses empreendimentos, o que acabaria por se consolidar após a criação da SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária em 2003, ligada ao Ministério do Trabalho do Governo Federal (POCHMANN, 2004).

A Economia Solidária (ES), apresenta-se conforme Singer (2002) como um conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizadas coletivamente de acordo com os princípios da autogestão. A Economia Solidária, tem como objetivo transformar o trabalho num meio de libertação humana, a partir do processo de democratização econômica, alternativa à dimensão alienante do modelo de trabalho assalariado capitalista.

Para Maboni (2008), a Economia Solidária pode ser definida e compreendida, como uma forma alternativa e diferenciada de produção e consumo justo de bens e serviços, tendo como base a valorização do trabalho humano, na perspectiva de emancipação e rompimento das relações econômicas e sociais estabelecidas, tornando-se uma poderosa alternativa de inserção social.

Mendiguren, Etxarri e Aldanondo (2008) acreditam que a Economia Solidária busca construir relações de produção, distribuição e consumo baseado na justiça, cooperação, reciprocidade e ajuda mútua. Contra o capital e sua acumulação, a Economia Solidária coloca as pessoas e o seu trabalho no centro do sistema econômico, oferecendo ao mercado um instrumento a serviço do bem-estar de todas as pessoas e preocupado com a continuidade da vida no planeta.

MÉTODO

A presente pesquisa caracteriza-se como quantitativa quanto à forma de abordagem do problema, uma vez que a referida técnica permite uma visão e compreensão mais amplo do problema, pois o explora com poucas idéias preconcebidas sobre o resultado da investigação, além de ser apropriada para situações de incerteza, traduzida em número, frequência e percentual (GIL, 2010). Em relação aos objetivos, caracteriza-se como descritiva, a qual tem como principal objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2010).

Os dados foram coletados através de um questionário tipo *survey elaborado junto a plataforma* do google docs online, sendo que as perguntas foram construídas com o foco de mapear o perfil dos entrevistados e apontar a percepção dos mesmos com relação a prática da Economia Solidária. O questionário foi encaminhado, aos acadêmicos durante o mês de maio e junho de 2015, por e-mail e pela rede social (*facebook*). Dos 230 e-mail enviados solicitando aos acadêmicos, para participação da pesquisa, apenas 108 retornaram, ou seja responderam efetivamente a pesquisa.

Posteriormente os dados foram analisados junto ao programa estatístico SPSS 2.0, sendo que foi utilizada os dados percentuais, cruzamento entre os dados e respostas mais frequentes, a fim de responder o objetivo central da pesquisa.

Com relação ao local, aonde foi realizado a pesquisa, optou-se por não mencionar o nome da instituição aonde foi realizado a pesquisa, por uma questão de ética, por isso optou-se por referir-se a ela como uma Universidade comunitária do noroeste gaúcho. Com relação a escolha dos dois cursos, optou-se por estes devido a proximidade que estes possuem com a prática da Economia Solidária.

RESULTADOS

Com relação ao perfil dos entrevistados observou-se que predominou entre os acadêmicos dos dois cursos, pessoas o sexo feminino com 60,9%; Quanto a idade, dos entrevistados, predominou jovens que tem entre 18 a 25 anos, com 60,3%, ou seja, uma parcela jovem da população, a qual tem se posicionada a favor da inserção de novos hábitos alimentares e tem demonstrado muito preocupação com questões ligada a saúde pessoal e coletiva, e que vêm buscando alimentos mais saudáveis (orgânicos) a fim de ter uma melhor qualidade de Vida. A renda, predominante entre os entrevistados, foi de 2 a 3 salários mínimos por mês.

A fim de aproximar da questão da percepção dos acadêmicos com relação a Economia Solidária, buscou-se saber, se os mesmos possuem hábitos de comprar produtos junto a feiras

de Economia solidária, e como percebeu-se um vasto cenário com relação a variável renda, optou-se por cruzar essas informações, a fim de identificar o hábito de compra por renda dos conforme aponta tabel 1.

Tabela 1 – **Tem costume de comprar produtos coloniais X Renda consumidores**

		Renda:					Total
		Até 1 Salário Mínimo	De 2 a 3 Salário Mínimo	De 4 a 5 Salário Mínimo	De 5 a 6 Salário Mínimo	Mais de 7 Salário Mínimo	
Tem costume de comprar produtos coloniais?	Não Respondeu	2,3%	4,5%	5,0%	0,0%	0,0%	3,8%
	Não	18,6%	10,1%	15,0%	30,0%	6,2%	13,0%
	Sim	79,1%	85,4%	80,0%	70,0%	93,8%	83,2%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0 %

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Observa-se que todos, independente da sua renda, possui o hábito de comprar em feiras de Economia Solidária, porém é importante salientar que esse percentual varia, sendo mais evidente entre os que recebem mais de 7 salários mínimos, 93,8% dos entrevistados e em menor percentual entre os que recebem até 1 salário mínimo 79,1%.

Sobre a motivação à compra optou-se por trazer está resposta a partir de dois cenário, ou seja, separando por gênero e por curso. Por gênero, considerando o curso de Administração e Agronomia junto, tem-se que o fator motivacional para para realizar compra junto as feiras de Economia Solidária tanto para o gênero Feminino quanto Masculino, está ligado a questão relacionada a qualidade e costume, como aponta a tabela 2.

Tabela 2 – **Motivação a compra X Sexo**

		Renda:		Total
		Feminino	Masculino	
compro pelo:	Costume	14,3%	11,3%	13,0%
	Diversidade	9,8%	8,5%	9,2%
	Higiene	1,8%	1,4%	1,6%
	Indicação	0,9%	2,8%	1,6%
	Localização	2,7%	2,8%	2,7%
	Preço	4,5%	5,6%	4,9%
	Qualidade	62,5%	63,4%	62,5%
Total		100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Quando se investiga, a questão do fator motivacional a compra de produtos oriundos da Economia solidária em feiras destas, ao analisar a partir da variável curso, ainda se tem, tanto para Administração quanto para Agronomia, que as variáveis Qualidade e Costume, como o principal fator motivacional.

Porém é preciso observar que os demais atributos possuem papéis diferenciado, tais como o preço, que para os acadêmicos de administração representa 10,5% dos motivos para fazer uma compra em uma feira de economia de Solidária, para os alunos da Agronomia, este representa apenas 1,20% dos motivos.

Em contrapartida, o fator Higiene é 7,4% da motivação para os acadêmicos da Agronomia fazer compra junta a feira, para os de Administração é apenas 1,1%. Nota-se, neste casos como nos demais fatores, que a tabela 2.1 apresenta que as questões peculiares a cada curso, neste item evidenciam-se através dos tributos investigados.

Tabela 2.1 – **Motivação a compra X Curso**

		Curso	
		Administração	Agronomia
Com base na resposta anterior, Compro pelo:	Costume	14,30%	35,90%
	Diversidade	9,80%	3,50%
	Higiene	1,10%	7,40%
	Indicação	2,80%	1,50%
	Localização	4,70%	0,80%
	Preço	10,50%	1,20%
	Qualidade	56,80%	49,70%
Total		100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

A própria variável costume possuem um percentual bem diferenciado, para os curso, uma vez que para o curso de Agronomia ele representa 35,9% da causa da tomada de decisão de compra, para administração esse representa apenas 14,3%, pode-se, tentar interpretar tais diferença, pela questão cultural, da própria formação e percepção histórica da Economia solidária, que ainda parece ser o cenário atual da nossa região, a qual foi apontada por Gaiger (2009) como uma economia/ modo de produção diferenciado/ alternativo, que surge como uma resposta dos operários e camponeses, que se caracterizava desde seus primórdios por formas de gestão autônomas e democráticas, ao sistema capitalista formador de padrões.

Com relação aos produtos, adquiridos pelos acadêmicos em feiras de Economia Solidária, tem-se que está questão apresentou um vasto número de resposta, porém a fim de evidenciar as principais, vamos apontar as mais apontadas pelos cursos:

Tabela 3 – Quais os produtos, costuma comprar, em feiras de economia solidária x curso

Quais os produtos, costuma comprar, em feiras de Economia Solidária:	AGRONOMIA	ADMINISTRAÇÃO
	Artesanato - Pão - Rapadura - Essências	Queijos, compotas, etc.
	Flor, pão, cuca e artesanato	Salame, queijo, pão, cuca, alface
	Carnes e doces	Legumes, verduras, leguminosas, queijo, ovos, salames, feijão, Leite, entre outros
	Frutas e Legumes	Salame e queijo
	Coisas diferentes da que já tenho em casa	Queijo, alface, tomate, cuca.
	Saladas, queijo, peixe e chás.	Pão, Bolachas, Suco de uva, Cuca, Bolo, Salame, Queijos, Carne (Peixe)....

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Notou-se que predominou a questão de produtos alimentares, como os mais comprados mas também o artesanato, ou seja, busca-se como a própria resposta de uma dos entrevistados um produto diferenciado do que já se tem em oferta nos demais espaços

Buscou-se também, evidenciar a percepção dos acadêmicos com relação aos aspectos negativos, que os mesmos identificam, quando frequentam feiras de Economia Solidária, sendo que neste item optou-se por tratar a opinião dos entrevistados de uma forma única. Logo, dentre as respostas que mais se repetiram foram, conforme tabela 4 :

Tabela 4 : Aspectos Negativos das Feiras de Economia Solidária, nas quais já frequentou

Aspectos Negativos das Feiras de Economia Solidária, nas quais já frequentou:
Ainda tem pouco espaço para realização.
Infraestrutura
Deveria ter mais produtos e ser mais divulgado.
Localização do Centro de Comercialização
Acondicionamento
Localização, dias específicos, qualidade, higiene
o consumidor não conhecer a procedência, (origem, local) onde o produto é confeccionado.
Falta de propaganda, ou plano de marketing
Falta de higiene de alguns produtores, falta de cuidado com os produtos ofertados
Conheço pouco a feira, mas na única vez que fui notei pouca variedade de produtos de primeira necessidade.
Para mim, os únicos aspectos negativos são: a distância e a falta de máquina de cartões. Como moro longe do centro, às vezes prefiro comprar no mercado pela comodidade e por não aceitar cartões de crédito e débito.
Recursos para melhores instalações, refrigeradores, ambiente com temperatura controlada, enfim suporte para os produtores. Uma zona que está em pouco destaque.
São poucos mas, uma feira solidária tem que ter como assunto primordial a sustentabilidade, muitas feiras produzem muitos materiais que não possuem um fim adequado.

Um aspecto que pode ser melhorado é o atendimento que influência bastante no momento de compra.

Todos os feirantes do município deveriam se reunir apenas em um local, pois os feirantes que ficam atrás da igreja Catedral ficam expostos ao tempo, sendo que em frente ao Margarida tem aquele espaço maravilhoso, sei lá... uma dica fazer uma escala talvez, já que o espaço não suporta todos os feirantes. Em outras palavras, deveria ter mais companheirismo entre os feirantes.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Em relação aos aspectos positivos ressaltou-se:

Quadro 02: Aspectos Positivos da Feira

Aspectos Positivos da Feira

Promove o aumento na renda das pequenas cooperativas, e oferece produtos com bom preço e ótima qualidade a comunidade em geral.

Qualidade

Gera renda e traz produtos de qualidade e bom preço.

A vontade dos empreendimentos de fazer a diferença.

Produtos de qualidade Preço acessível

Ajuda a quem precisa, e traz diversidade para a cidade

Alavancar a economia local produtos mais naturais, sem conservantes são produtos mais saborosos

O incentivo à um modo alternativo de produção; oferta de produtos de boa qualidade.

A qualidade, o sabor dos alimentos e o atendimento.

Produtos frescos, de qualidade e faz a interação de dos feirantes com a população.

A organização e a localização dos pontos, e a diversidade de produtos.

Qualidade e Variedade

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

„ Tem-se, que fatores como: Localização, diversificação, divulgação, organização, apontado como itens com certa deficiência, e que precisam ser melhorados, a partir da percepção dos acadêmicos de ambos os cursos. Tais apontamentos, podem evidenciar fragilidades, talvez na própria questão da busca dos produtores em trabalhar na ótica do associativismo em prol de garantir mais benefícios para a participação em feiras sazonais ou permanentes em suas localidades.

Quanto ao entendimento do que seja, a Economia solidária, foi consenso entre os cursos de que ela , compreende uma forma alternativa de geração de renda, tendo como diferencial um produto com qualidade elevado, por ser produzido de forma manual e em pequena escala.

Logo a percepção que os acadêmicos possuem com relação a prática de Economia Solidária encontra-se expressa na tabela 5.

Tabela 5 : Defina sua percepção de Economia Solidária em 5 palavras:

Defina sua percepção de Economia Solidária em 5 palavras:	Administração	Agronomia
	Economia Social	Inserção do Homem do Campo
	Nova forma de Produção	Produto orgânico, Natural, único,diferente
	Alimentação Saudável, preço elevado.	Produção pequena, único e saudável.
	Saúde a partir da produção artesanal	Geração de Renda para pequeno Produtor
	Agricultura, qualidade , produto diferenciado.	Nova forma de gerar riqueza.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização da presente pesquisa, foi possível perceber que existem peculiaridades entre o modo de ver a Economia Solidária pelos acadêmicos tanto do curso da Administração quanto da Agronomia, porém a percepção final da conceituação e aplicação da prática é similar para ambos, ou seja, ela é uma nova forma, mais justa, de geração de renda a partir da produção de produtos naturais, que por essa característica as vezes são considerados como mais saudáveis, caros e diferenciados.

Ficou evidente que a questão cultural (costumes) influencia na questão dos hábitos de compra de produtos oriundos da Economia Solidária e que a busca por qualidade é uma constante para os consumidores, deve assim passar a ser uma prioridade junto aos atores envolvidos em atividades relacionada a Economia Solidária.

Bem como, a partir das apontamentos feitos, como ponto negativos das feiras frequentadas pelos entrevistados, acredita-se que cabe uma reflexão por parte de toda a população que faz/frequenta feira a fim de ver se tais fragilidades, não estão presentes em seu contexto.

Quanto a fragilidade da pesquisa, considera que por ser tratar de uma pesquisa, realizada com universitários, e por retratar um recorte temporal da percepção de acadêmicos que estavam na instituição em 2015, logo os resultados aqui encontrados podem não ser os mesmo quando replicado em outro momento

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATTANI, D. A. (Org.). **A Outra Economia**. Porto alegre: Veraz, 2003.

GAIGER, L. I. **Empreendimentos econômicos solidários**. In: CATTANI, A. (Org.). *A outra economia*. Porto Alegre: Veraz, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, T. J. T., MORAIS SOBRINHO, A. P. Economia Solidária: um caminho para a geração de renda e inclusão social. In: Geingá: **Revista do Programa de Pós-graduação em geografia**:2011.

LEBOUTTE, P. **Economia Popular Solidária e políticas públicas**: a experiência pioneira do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: ITCP/COPPE, 2003.

MABONI, G. **História das doutrinas cooperativistas**. Brasília: Confefras, 2008.

MANCE, E. A. Desenvolvimento sustentável e economia solidária. Caderno 4. Brasília: Instituto Marista de Solidariedade, 2010.

MENDIGUREN, J. C. P. DE; ETXARRI, E. E.; ALDANONDO, L. G. ¿De qué hablamos cuando hablamos de economía social y solidaria? Concepto y nociones afines. In: **JORNADAS DE ECONOMÍA CRÍTICA**, 9., Bilbao, 2008. Anais... ECOCRI, Bildao, 2008.

POCHMANN, M. **Políticas de Inclusão Social: resultados e avaliação.** São Paulo: Cortez: 2004.

RAZETO, L. **O papel central do trabalho e a economia de solidariedade.** Proposta, v. 75, 1997.

SINGER, P. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: Santos, Boaventura de Souza (Org.). **Produzir para viver: Os Caminhos da Produção não Capitalista.** São Paulo: Civilização:2002.